

BERNARDO JACINTHO DA VEIGA

(N. em 1803—M. em 1845)

Não é em presença de um cadaver, quando todos os animos se acham contristados perante a mais seria e a mais eloquente de todas as validades, no meio de corações contristados, do lucto e do pranto dos amigos, que devemos desenrolar o panorama da vida mundana, por mais pomposo e illustrado que elle tenha sido.

A presença do morto amesquinha a imaginação e o enthusiasmo mundano: diante deste grave espectáculo, deste prestito de amizade, que vem como para dar o ultimo seculo da concordia e da saudade eterna, a alma se eleva ás mais serias contemplanções e o mundo em que vivemos se nos retrata com todos os seus caracteres de movimento, ruído, e fumo: tu lo se desvanece diante da sepultura; e do centro de seu silencio eterno, a voz do anjo da morte vem annunciar com um poderio irresistivel a grandeza e magestade do Senhor, e o nada da vaidade dos homens.

O cidadão Bernardo Jacintho da Veiga, ja não existe para os seus, para a patria e para os extranhos!

Collocado nesse mundo tenebroso, circulado dos mysterios da morte, aggregado a essa nação eviterna que habita as louzas e as campas, que dorme no silencio, e que se despertará quando a trombeta do Anjo, exterminador anniquillar o ultimo dos homens e insuflar nos astros esse terrivel incendio cujo clarão será maior que o da creação da luz, o nosso irmão é mais feliz que nós outros: está completa a sua missão sobre a terra; consummado o sacrificio da vida, purificada a victima dos soffrimentos mudanos, e desvanecidos todos os fantasmas germinados por nossa fraqueza.

A religião de Jesus Christo, é quem somente penetra, com o seu facho sagrado, a escuridão da sepultura, e a que ouve os canticos de victoria que o espirito triumphador entoa sobre a materia.

Como elles, milhões de filhos, irmãos, amigos, esposos, paes e cidadãos, ja fizeram essa terrivel transição, circulados das lagrimas de seus parentes e amigos, cuja existencia ápenas, nos é representada por um nome na lembrança dos vivos, ou nas paginas da historia.

O illustre membro dessa familia que deu á patria Evaristo Ferreira da Veiga, foi tambem uma realidade entre os humanos.

Arrancado do seu commercio, de uma vida modesta e tranquilla, foi elevado a presidencia de Minas Geraes, mandado ao parlamento como seu representante, e morreu Director Geral dos Correios do Imperio.

Os seus talentos, perspicacia e honradez, foram o mobil de uma carreira tão rapida e tão brilhante: era seu sangue o sangue do Evaristo Ferreira da Veiga, e o desse benemerito cidadão que tem enxugado tantas lagrimas, socorrido tantos orphãos, tantas viúvas e desgaçados!!!

Soceguem os amigos do illustre morto enquanto Deus ajudar ao seu bom irmão, que felizmente nos resta estes coze orphãos, essa viúva inconsolavel, terão um pae desvelado, e um protector fora do commum dos homens.

O irmão de Evaristo Ferreira da Veiga, não enriqueceu na carreira publica.

A sua independencia foi filha do seu trabalho, da economia e da ordem: o legado mais estrondoso e mais sensivel que deixa a patria e a sociedade são seus doze orphãos, e a memoria do seus serviços prestados nos altos cargos que occupou durante o resto de sua vida tão curta e tão laboriosa.

Quebrou-se uma pedra onde a calumnia não sfará mais as suas presas, e onde a vaga do oceano politico não estrugirá no seu furor trebulucado.

Bernardo Jacintho da Veiga, com o chefe e membro de familia, foi um homem exemplar, e são estas as virtudes principaes que podem adornar o bom cidadão.

O Instituto Historico e Geographico do Brazil o contava no numero de seus socios, e deplora a sua morte, como o Imperio do Brazil a perda de seu illustre irmão Evaristo Ferreira da Veiga, desse brilhante lozeiro que se escondeu no horizonte da morte para não ser tão cedo substituido, e sempre lembrado por todos os homens generosos e patriotas, cuja amisade me gloria, e cujas cinzas me despertam a mais sincera gratidão.

Desappareceu na pessoa do Conselheiro Bernardo Jacintho da Veiga, um bom filho, bom irmão, bom esposo, bom pae, bom amigo, um fiel servidor da patria e do Soberano; o seu commercio com os homens era agradavel e simple, e o seu grande talento natural faria esquecer a pratica das universidades e dos Lyceus.

E' um quadro doloroso para o pensamento o ver-se desapparecer um homem na epocha em que é mais util aos seus e a patria: rico da esperiencia, começa a ver a realidade das cousas mundanas; rico de factos, na observação dos phenomenos sociaes, compara o

ajuiza, cheio de força e de vigor, capaz de marchar, de impellir, de sustar ou de libertar-se do turbilhão mundano, desapparece, deixando-nos a dor de uma reparação eterna e a saudade de sua agradável companhia.

Quarenta e dois annos e um dia!

Respeitemos os decretos de Deus; roguemos todos por alma do nosso irmão e consocio Bernardo Jacintho da Veiga.

A terra lhe seja leve! (*)

Manoel de Araujo Porto Alegre.